

ENSAIO-VALOR JUSTO: INTANGÍVEL E SEUS PREJUÍZOS PARA O CÓDIGO CONTÁBIL

FAIR VALUE ESSAY: INTANGIBLE ASSETS AND THEIR IMPACTS ON THE ACCOUNTING CODE

**HENRIQUE, Marcelo Rabelo¹ ;
SEIDEL, Guilherme Paiva² ;
SILVA, Sandro Braz³ ;
SAPORITO, Antonio.**

¹Professor Doutor do Curso de Ciências Contábeis da Strong Business School; E-mail marcelo.henrique@esags.edu.br ² Graduado em Ciências Contábeis pela Strong Business School; ³Professor Doutor do Curso de Ciências Contábeis da Unifesp – Universidade Federal de São Paulo; ³Professor Doutor do Curso de Ciências Contábeis da Unifesp – Universidade Federal de São Paulo.

RESUMO. A influência do mercado na produção acadêmica é evidente na aproximação de objetivos entre o mercado e a academia. No entanto, a academia tradicionalmente mantém um distanciamento crítico em relação ao objeto de estudo, enquanto o mercado promove uma "racionalidade técnica" que subordina o exercício do pensar aos fins da técnica. Essa influência comercial não é apenas resultado do mercado, mas também reflete uma lógica de hiper-realidade, na qual a realidade é moldada por signos e símbolos. No campo contábil, as empresas não são avaliadas apenas por critérios tangíveis, como equipamentos, mas também por métricas intangíveis, como reputação e presença na mídia. A ascensão dessa matriz simbólica desafia a contabilidade tradicional e a revolução do "Valor Justo" é um exemplo disso. O estudo busca analisar a crise científica enfrentada pela contabilidade devido ao crescente protagonismo dos ativos intangíveis e os impactos dessa revolução. Os objetivos específicos incluem a revisão da literatura sobre a consolidação dessa matriz simbólica e como ela afeta as demonstrações financeiras. A pesquisa questiona se a contabilidade como ciência está em crise devido à crescente importância dos ativos intangíveis, a adoção de métricas de mercado para avaliação de ativos e à velocidade das mudanças no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Hiper-realidade; Valor Justo; crise científica; Ativos Intangíveis.

ABSTRACT. The influence of the market on academic production is evident in the alignment of objectives between the market and academia. However, academia traditionally maintains a critical distance from the subject of study, while the market promotes a that subordinates the exercise of thinking to the ends of technique. This commercial influence is not solely the result of the market but also reflects a logic of hyper-reality, where reality is shaped by signs and symbols. In the accounting field, companies are not only assessed based on tangible metrics such as equipment but also on intangible criteria like reputation and media presence. The rise of this symbolic matrix challenges traditional accounting, and the revolution of "Fair Value" is an example of this. The study aims to analyze the scientific crisis faced by accounting due to the growing prominence of intangible assets and the impacts of this revolution. Specific objectives include a review of the literature regarding the consolidation of this symbolic matrix and how it affects financial statements. The research raises the question of whether accounting as a science is in crisis due to the increasing importance of intangible assets, the adoption of mark-to-market metrics, and the speed of changes in the contemporary world.

Keywords: Hyper-reality; Fair Value; scientific crisis; Intangible Assets.

1 INTRODUÇÃO

O mercado de capitais é uma das principais formas de investimento em empresas e de arrecadação de recursos. Detém o papel de regulador real das boas práticas, enquanto que as instituições reguladoras detém o papel formal. O que queremos dizer com isto é que o mercado detém relevante influência nas decisões levadas à cabo por órgãos reguladores, além de penetrar cada vez mais de forma decisiva no aspecto formativo das ciências contábeis.

O impacto silencioso levado à cabo pela penetração corporativa na produção acadêmica contábil fica visível no estreitamento entre os objetivos de mercado e os objetivos acadêmicos. Dada a constante e cada vez mais veloz transformação do mercado e de suas tendências a lógica natural é a de incorporar seus paradigmas, lógica e modus operandi às ciências de negócios. No entanto, é vital pontuar que o academicismo pressupõe um distanciamento de seu objeto, parte por sobriedade, parte pela visão ampla que o olhar do pesquisador detém em oposição ao olhar da infantaria contábil, preocupada em “fazer contabilidade”. É necessário pontuar que no ato de construção prática e diária impera também um exercício de pensamento, mas uma “Racionalidade Técnica” nos termos de Adorno (1966. p.158). Segundo o autor a objetividade é concedida ao objeto a partir do que o sujeito o confere, a consciência, por conseguinte, é função do sujeito vivo. A automatização do pensamento, a massificação do homem e a neutralização da razão pela técnica são processos escancarados no modus operandi visto nas ciências de negócios sob a égide das pressões do mercado, em especial, as ciências contábeis.

É preciso notar que essa afetação comercial que aflige a produção acadêmica não é um mero produto do mercado. A própria lógica de uma racionalidade refém da mercadoria exposta por Adorno talvez não seja suficiente para compreender a operação que se efetua na realidade contemporânea. Mais a fundo que a projeção da técnica sobre a razão, há a ascensão de uma matriz simbólica fundada na noção de Hiper-Realidade. Jean Baudrillard (1981) argumenta que o capitalismo informacional forja uma realidade que é criada por meio de signos e símbolos. O filósofo argumenta que a fronteira do real passa a ser delimitada por simulacros, onde a realidade é substituída por imagens, representações e modelos. No mundo contábil, isso se

traduziria em que as empresas contemporâneas não são avaliadas apenas pelos seus ativos tangíveis, como equipamentos e propriedades, mas também pelos seus ativos intangíveis, como a marca, a reputação e a presença na mídia. O distanciamento do real do mundo é um processo protagonizado pela lógica de mercado e pela produção de uma Indústria Cultural que forja as matrizes simbólicas sob as quais o mundo de intangibilidade se ergue. Isso é visível em termos práticos e segundo a pretensão desta dissertação na revolução do Valor Justo que ainda está em curso no meio contábil.

Dado o exposto, o objetivo geral deste trabalho se centra na análise da crise científica enfrentada pela contabilidade a partir do crescente protagonismo do ativo intangível nas demonstrações financeiras, assim como os impactos da revolução do valor justo. Os objetivos específicos consistem no exame da bibliografia a respeito da consolidação da matriz simbólica responsável pela possibilidade de uma contabilidade hiper-real, nos permitindo analisar o impacto das simulações no agente das demonstrações financeiras. A partir destas noções será possível responder o problema desta pesquisa: a contabilidade como ciência está em crise?

A partir da crescente ascensão do ativo intangível na geração de valor para as companhias e, de sua conseqüente importância para representação fidedigna do patrimônio, é necessário avaliar em que medida a contabilidade enquanto ciência está pronta para mensurar e compreender os impactos desse movimento e, em que grau se vê imobilizada diante da velocidade de transformação dos modos de significação e mensuração do mundo contemporâneo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONCEITOS CONTÁBEIS

2.1.1 Normas Contábeis

Tendo em vista o objeto de nosso trabalho, destinaremos atenção àquelas métricas normativas voltadas para o tratamento de bens categorizados como intangíveis. De acordo com o CPC 04:

Ativo intangível é um ativo não monetário identificável sem substância física (...). Ativo Monetário é aquele representado por dinheiro ou por direitos a serem recebidos em uma quantia fixa ou determinável de dinheiro.

Podemos ainda consultar o mesmo pronunciamento para ciência de diferentes exemplos de intangível como: softwares, patentes, direitos autorais, direitos sobre filmes cinematográficos, listas de clientes, direitos sobre hipotecas, licenças de pesca, quotas de importação, franquias, relacionamentos com clientes ou fornecedores,

fidelidade de clientes, participação no mercado e direitos de comercialização. Vale lembrar que o item apenas deve ser considerado como ativo intangível “se o gasto incorrido na sua aquisição ou geração interna deve ser reconhecido como despesa quando incorrido”.

Fazendo uma análise crítica do pronunciamento em questão, vemos a generalidade com que são definidos os critérios de reconhecimento e mensuração:

A entidade deve avaliar a probabilidade de geração de benefícios econômicos futuros utilizando premissas razoáveis e comprováveis que representem a melhor estimativa da administração em relação ao conjunto de condições econômicas que existirão durante a vida útil do ativo. 23. A entidade deve utilizar seu julgamento para avaliar o grau de certeza relacionado ao fluxo de benefícios econômicos futuros atribuíveis ao uso do ativo, com base nas evidências CPC_04(R1) _rev_21 disponíveis no momento do reconhecimento inicial, dando maior peso às evidências externas. 24. Um ativo intangível deve ser reconhecido inicialmente ao custo.

O julgamento envolvido no ativo intangível tem extensa bibliografia, principalmente no que concerne à sua aquisição. No entanto, o CPC por meio de uma liberalidade, remete o critério de julgamento à responsabilidade corporativa. Embora essa flexibilidade seja importante para acomodar a diversidade de situações e transações, ela também pode abrir espaço para um excesso de subjetividade. As empresas podem interpretar os princípios contábeis de maneiras que atendam a seus interesses, comprometendo a objetividade e a comparabilidade das demonstrações financeiras. A subjetividade excessiva nas práticas contábeis pode levar a distorções na apresentação dos resultados financeiros das empresas. Isso pode influenciar a avaliação dos investidores e dos stakeholders sobre a saúde financeira de uma corporação. Além disso, a falta de comparabilidade entre as demonstrações financeiras de diferentes empresas dificulta a análise e a tomada de decisões informadas pelos usuários das informações contábeis.

É ainda mais crítico considerando que o intangível vem apresentando crescente protagonismo na geração de resultado das companhias. Bastos e Abreu (2020) fizeram uso do método de Market to Book Value e ROA (Retorno sobre Ativos) para avaliarem uma amostra de 261 empresas brasileiras de capital aberto e concluíram a verificabilidade entre a relação intangibilidade e valor de mercado com maior eficiência no caso do MB (0,226) mas ainda significativa no caso do ROA (0,006). A análise permite contemplar a importância do ativo intangível na geração de valor para companhias e também de retorno para o acionista. O artigo ainda menciona que é coerente assumir que a maior parte do intangível é financiado por fundos internos ou capital próprio, ainda mais considerando o desenvolvimento de Softwares

e patentes em voga. No entanto, é importante levantar o questionamento quanto a frequência da mensuração destes ativos e de seu impacto nas companhias.

Nesta linha o desenvolvimento de normas nacionais contábeis (CPC 46) e internacionais (IFRS 13) voltadas especificamente para mensuração de valor justo foi fundamental, com destaque para Audit Interim Standards Section 328 (SAS No.101) do PCAOB publicado em 2003 e revisado em 2010, 2012 e 2014. No entanto, mesmo que a norma apresente uma evolução da teoria regulatória, mantém limitações quanto à clareza de casos específicos:

“While this section provides guidance on auditing fair value measurements and disclosures, it does not address specific types of assets, liabilities, components of equity, transactions, or industry-specific practices.” AU Section 328 (SAS No.101) -07.

Vemos que a generalidade da norma abre brechas para mensurações de várias naturezas, repousando sua confiabilidade em grande parte no julgamento do auditor:

“The auditor should obtain sufficient appropriate audit evidence to provide reasonable assurance that fair value measurements and disclosures are in conformity with GAAP. (...) In the absence of observable market prices, GAAP requires fair value to be based on the best information available in the circumstances. AU Section 328 (SAS No.101) -03.

Ainda fica evidente que a novidade da matéria acaba fazendo-a dependente de outras seções regulatórias auxiliares:

“If information about market assumptions is not available, an entity may use its own assumptions as long as there are no contrary data indicating that marketplace participants would use different assumptions. These concepts generally are not relevant for accounting estimates made under measurement bases other than fair value. Section 342, *Auditing Accounting Estimates*, provides guidance on auditing accounting estimates in general. “AU Section 328 (SAS No.101) -06.

Claro que não é factível assumir que os órgãos regulatórios sejam capazes de dar diretrizes específicas para todas as variedades de mensuração de valor justo, no entanto, as linhas gerais existentes mostram que a adaptação contábil à revolução promovida por essa visão é ainda um trabalho em curso e que enfrenta dificuldades nas lacunas com que se depara.

2.1.2 As Lacunas do Intangível na Esfera Regulatória

Tratando de um exemplo das dificuldades supracitadas que as autoridades regulatórias enfrentam, podemos citar o trabalho de Wasserman (2015) que questiona a possibilidade de incluir nas demonstrações financeiras a mensuração de Brand Equity. Como um ativo intangível cuja relevância é factível em um mundo dominado pela propaganda, o valor de marca é um aspecto relevante, porém não mensurado diretamente no balanço patrimonial. A autora questiona como é possível a coexistência do Brand Equity enquanto um fator fundamental para avaliar a

performance das companhias e simultaneamente ser completamente inibido de demonstração pelas normas internacionais contábeis que consideram que ativos intangíveis criados internamente não podem ter seu valor determinado de forma justa. O autor demonstra que o único momento onde o valor da marca é determinado ocorre em processos onde a companhia é adquirida, tendo seu valor derivado de “Goodwill” (Valor excedente pago pela aquisição de uma empresa), o que novamente não é uma forma adequada de mensuração, além de manter-se limitada às companhias em processo de aquisição ou fusão.

Para a autora esta mensuração do valor de marca precisa ser contínua, ainda mais no que se refere às companhias que detém domínio de mercado e que, por conseguinte, não serão adquiridas por outrem tão cedo:

“Brand value is not currently recorded on the balance sheet or in any financial statements. It is left to financial analysts, marketers and economists to assess. However, this is problematic for investors. It fails to fairly present companies’ financials to the public. A (hypothetical) company may have the same assets as Apple, but without the same brand awareness in the marketplace. Blindly looking at the financial statements of each, investors would not know the difference; a sensible investor would have to be aware that the Apple name differentiates Apple from the other similar company. It is the responsibility of accountants and corporate executives to make the public aware of the status of a company in a way that allows the public to compare companies’ worth. Currently, financial statements do not represent differences in brand values, such as that of Apple and its hypothetical equal-asset counterpart. It is important that the accounting profession at least considers the implications of its current standards and contemplates a change to the way brands are recorded.” (WASSERMANM, 2015, p.15)

Segundo sua argumentação, a contabilidade deixa o investidor à deriva por não registrar o valor de marca, delegando a análise de um componente relevante do valor de mercado de uma companhia para analistas financeiros, especialistas de marketing e economistas, o que pode ou não ser adequado ao investidor: A autora conclui propondo que o item não deveria ser incluso no BP, mas relatórios adicionais devem ser exigidos para retratar adequadamente seu valor, considerando o excesso de parcialidade e/ou a dificuldade de mensuração de um ativo de uma natureza tão volátil. É um desafio que o profissional de contabilidade deve enfrentar; Ainda que Branding não seja diretamente relacionado ao patrimônio da companhia, é um fator relevante para os demonstrativos financeiros e deve ser levado em conta na missão da contabilidade que é a de justamente representar e registrar corretamente o patrimônio como diz a frase atribuída à Antônio Lopes de Sá: “A função moderna e verdadeira do profissional da contabilidade é, pois, a de um consultor sobre assuntos da riqueza das empresas.”

2.2 REVOLUÇÃO DO VALOR JUSTO: CRISE CIENTÍFICA?

Thomas Kuhn (1962), em sua obra "A Estrutura das Revoluções Científicas", introduziu o conceito de paradigma como um conjunto de crenças, valores e métodos que orientam a pesquisa científica em uma determinada área. O paradigma estabelecido cria um consenso entre os cientistas e define os limites do conhecimento aceito. Segundo Kuhn, a "ciência normal" ocorre dentro dos limites do paradigma dominante, mas, em determinados momentos, surgem anomalias e contradições que desafiam as suposições básicas do paradigma estabelecido. Essas anomalias podem desencadear uma crise científica, na qual os fundamentos do conhecimento aceito são questionados e a comunidade científica enfrenta um período de incerteza.

Na contabilidade, a crise científica pode ser percebida em várias áreas, como a teoria contábil, a normatização e as práticas profissionais. Por exemplo, a contabilidade tradicionalmente adotou um paradigma baseado na mensuração monetária e nas normas contábeis estabelecidas. No entanto, com o avanço da globalização, das novas tecnologias e das demandas por informações mais relevantes, surgem questionamentos sobre a adequação desse paradigma para enfrentar os desafios contemporâneos. A superação de uma crise científica requer uma mudança de paradigma, ou seja, uma reestruturação fundamental das bases teóricas e práticas da contabilidade. Isso envolve um processo de ruptura com o paradigma dominante e a adoção de um novo conjunto de princípios e abordagens. A transição para um novo paradigma na contabilidade pode levar tempo, resistência e debates intensos, mas é essencial para a evolução da área. Neste ensaio nos debruçaremos sobre a revolução do Valor Justo que trouxe uma série de novos paradigmas para a ciência contábil.

Nesta chave, podemos citar o fator risco levantado por Bondi (2011) nessa empreitada de transição de paradigmas, trata-se de um contínuo afastamento do valor de mercado em comparação com a contabilidade história de custos e de receita. O autor argumenta que o patrimônio das companhias passou a adquirir uma dimensão cinzenta e incerta com a ascensão da mensuração por "Valor Justo", método descrito pelo CPC 04 em termos similares, dado que coloca o peso da mensuração de benefícios sob responsabilidade da companhia. Como argumentamos anteriormente, há um espaço relevante para subjetividade e distorção dos demonstrativos financeiros, o que Bondi reforça ao citar o afastamento da contabilidade de seus

princípios. O autor contrapõe a definição prévia do IASB que beneficiava a análise histórica de custos com a corrente, de valor justo:

“Historical cost: Assets are recorded at the fair value of the consideration given to acquire them at the time of their acquisition. Liabilities are recorded at the fair value of the consideration received in exchange for incurring the obligations at the time they were incurred. (IASB DP 2005: 37).

Whilst the previous IASB Glossary and Framework stated (*ibidem*): Assets are recorded at the amount of cash or cash equivalents paid or the fair value of the consideration given...Liabilities are recorded at the amount of proceeds received in exchange for the obligation”. Every reference to the nominal values that arise from actual monetary flows established by accomplished transactions is removed from the accounting conceptual framework. Even the notion of economic entity is displaced. The entity is no longer understood as a socio-economic institution and organization (Raby 1959; Sakatera and Sawabe 2000; Biondi et al. 2007), but rather as a legal person or device acting on behalf of its proprietors. Moreover, the economic substance is disregarded in favor of the legal form.” (BONDI, 2017).

Segundo sua argumentação tal mudança implicaria em uma imposição das entidades reguladoras e do mercado às companhias de uma visão que distancia as práticas contábeis de mercado dos princípios contábeis clássicos e da realidade das organizações como intuições socioeconômicas. A capacidade real das transações e fluxos monetários são removidos, tornando as entidades sem substância econômica em detrimento de sua forma jurídica. Este movimento para Bondi não se trata de uma mera questão técnica, mas se considerado em maior escala, é um impacto na própria linguagem de negócios que, por sua vez, é parte vital no mapeamento e compreensão do sistema econômico. As alterações de mensuração contábil como acima são é um fato recente na história da ciência contábil e que não foi absorvida em uma velocidade suficientemente rápida pelos profissionais de contabilidade, auditoria e consultoria (FAHNESTOCK e BOSTWICK, 2011). Os autores também argumentam que apenas a partir de 2006 que os conhecimentos relativos à mensuração de intangível passaram a ser inclusos no currículo acadêmico, dificultando o acesso do mercado à profissionais com conhecimentos específicos da matéria.

Em nossa análise, este distanciamento da contabilidade de custos unido à ascensão do Ativo Intangível como forma de geração de valor agrava a situação da contabilidade enquanto ciência. A varredura dessa controvérsia feita por Bostwick (2011) traz luz quanto as muitas facetas do problema. O autor ressalta que durante a crise imobiliária de 2008 agentes reguladores e auditores utilizando-se de métricas estabelecidas pela contabilidade do valor justo, forçaram bancos e seguradoras a baixar o valor de seus ativos à um nível injustificável considerando seu fluxo de caixa. Esse fenômeno, ainda segundo o autor, deixaria claro que o problema central da

contabilidade do valor justo reside na sua capacidade limitada aos mercados com alta liquidez e saúde financeira e que, mesmo neste contexto, fortalecem a volatilidade e a capacidade de contágio (pânico). Isto se dá porque os métodos de mensuração propostos pelas métricas “mark-to-market” tomam como pressuposto que o mercado estabelece preços de forma imparcial. No entanto, em períodos de crise o mercado pode se contaminar com a falta de liquidez dos próprios compradores e estabelecer preços irracionais. Como a mensuração por estes métodos leva em conta os mercados ativos, não só os ativos ligados ao mercado diretamente sofrem a desvalorização de uma crise econômica, mas quaisquer ativos avaliados pela métrica do valor justo.

Fica claro o nível de risco das métricas de valor justo em cenário de liquidez limitada, mas mesmo partindo de condições estáveis de preços Magnan e Thorton (2010) afirmam que é paradoxal privilegiar o estado de mercado em detrimento do estado real da operação de negócios da companhia. Esta forma de moldar as transações financeiras aos moldes de investidores de mercado faz desaparecer o estado corrente da companhia e surgir uma visão limitada à liquidação de ativos. Bostwick (2011) argumenta ainda que as mensurações por valor justo falham em prover informações reais sobre a lucratividade das companhias, na medida em que se baseia em métricas de ganhos e perdas não realizáveis que não impactam o balanço patrimonial se não vendidos na data ou de forma prévia a seu fechamento; a métrica real para mensuração de lucratividade mais segura segundo o autor é o método de avaliação dos fluxos de caixa, historicamente defendida pela contabilidade tradicional.

2.3 MATRIZ SIMBÓLICA EM JEAN BAUDRILLARD: BASE DO VALOR JUSTO

Considerando o exposto acima, a saber, o crescente protagonismo do intangível na geração de valor das companhias e os custos da transição da contabilidade histórica para do valor justo, notamos um fator em comum: o distanciamento da realidade tangível da operação e da capacidade real de geração de valor. Nesta somatória de fatores, é possível dizer que não só a contabilidade, mas o mercado passou a guiar-se por métricas que não são aterradas no real, mas em uma matriz simbólica do capitalismo informacional. A contabilidade não é senão a linguagem dos negócios, a forma pela qual o patrimônio se traduz por meio de signos de representação. Sua capacidade de tomada de crédito, giro, lucratividade, liquidez, todas estas traduzidos por signos contábeis que conhecemos como indicadores; por sua vez, a informações utilizadas na elaboração destes indicadores são feitas pela

infantaria contábil, guiada por uma série de princípios e marcos regulatórios. Ao passo que, como expusemos acima, a contabilidade adota formas de representação de mercado sujeitos ao valor justo, podemos dizer emprestando do jargão filosófico que passou a guiar-se por signos hiper-reais.

“Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo é uma ausência. Mas é mais complicado, pois simular não é fingir (...) a simulação põe em causa a diferença do verdadeiro e do falso, do real e do imaginário.” BAUDRILLARD, J. Simulacro e Simulação. Trad. de Maria João da Costa Pereira, Éditions Galilée, 1981. p. 8

A maior característica da hiper-realidade para Baudrillard é a simulação. Não se limita simplesmente a forjar uma presença, mas cria um simulacro tão poderoso que é capaz de tragar para dentro de si o próprio real e tornar ambos inconfundíveis. Essa incorporação inorgânica da representação pelo simulacro, se mostra como um incômodo paradoxo; como pode o nada tragar o todo? A ausência exaurir a presença?

A contemporaneidade, ainda segundo o autor, seria uma fábrica incessante do real vazio, do real figurativo sem substância e objeto. É um reciclar de signos progressos, um alimentar distorcido de ideias meio-completas, reais apenas na hiper-realidade do simulacro:

“Por toda a parte, hoje em dia, é preciso reciclar os detritos, os sonhos, os fantasmas; o imaginário histórico, feérico, lendário das crianças e dos adultos é um detrito, o primeiro grande resíduo tóxico de uma civilização hiper-real. (...). As pessoas já não se olham, mas existem institutos para isso. Já não se tocam, mas existe a contacto terapia. Já não andam, mas fazem jogging, etc. Por toda a parte se reciclam as faculdades perdidas, ou o corpo perdido, ou a sociabilidade perdida, ou o gosto perdido pela comida. Reinventa-se a penúria, a ascese, a naturalidade selvagem desaparecida: natural food, health food, yoga(...) Contudo, talvez uma catástrofe mental, uma implosão e uma involução mental sem precedentes espreitem um sistema deste género, cujos sinais visíveis seriam essa obesidade estranha, ou a incrível coabitação das teorias e das práticas mais bizarras, em resposta à improvável coligação de luxo, do céu e do dinheiro, à improvável materialização luxuosa da vida e às contradições que é impossível encontrar” BAUDRILLARD, 1981, p. 22

A artificialidade pura da intensidade espectral das telas se nutre continuamente do imaginário decadente das massas. Mas essa circularidade se alimenta também de uma injeção de estranheza: a dos escândalos em oposição à estabilidade da hipervisibilidade (JOHNSON, M Jamie. 2017). É a caracterização da debilidade e dependência completas como fato sobrenatural, que demonstra a adaptabilidade dos simulacros contemporâneos. O carrossel de signos vazios atuou de forma tão eficaz quanto ao seu objetivo, a saber, a agonística do real, que mesmo quando o simulacro é generalizado e há uma dependência das massas de uma para-cultura circular, é do escândalo supostamente “sobrenatural” que se alimentam as esperanças de

libertação massificadas. Como se pelo fato de uma não participação destes acontecimentos “aberrantes”, as massas não estivessem imersas na patologia da hiper-realidade, como se a ilusão de fatos hiper visíveis, convenientemente tidos como “escândalos”, anulasse o fato de que todo o sistema está afeito e tomado pelo simulacro. Os acontecimentos ressaltados aos olhos vidrados nas telas não são, de todo, escândalos. Aqueles são antes acontecimentos de um simulacro, ele próprio escandaloso, que ao nomear suas reverberações como atos aberrantes, tem em vista se blindar contra a tomada de consciência, como se a patologia vista em um acontecimento fosse um caso isolado.

Exemplo máximo dessas patologias são as crises econômicas, que se constituem não como fatos isolados do sistema capitalista, mas como parte constituinte de sua estrutura (Fontes, 2017). Podemos dizer ainda que as crises econômicas são fomentadas mais a fundo que a superfície do conceito de liquidez, por uma crise de matriz simbólica. É a somatória de simulacros que constitui a crença das massas no poder da publicidade, propaganda e das marcas. Um exemplo lúdico é o fato de que um simples gesto de Cristiano Ronaldo levou as ações da Coca-Cola à uma queda de 1,6% em seu valor de mercado em uma questão de minutos (UOL, 2021). Obviamente que uma queda especulativa não é um fator preocupante para um colosso como a Coca-Cola, mas a experiência do fato nos denota algo vital: o valor de mercado é fortemente baseado na visão que os investidores e o mundo como um todo têm da marca.

Estes dados, a realidade do mercado e o papel que a contabilidade desempenha entre eles, a saber, a de guia para a tomada de decisão de investidores, denota que sua ligação com a hiper-realidade não é meramente superficial, mas estrutural. Koornhof e Villers (1999) pontuam que contabilidade não é uma ciência paradigmática em crise científica, mas sim uma disciplina que cada vez mais se conecta com a condição pós-moderna mesmo com o conflito de princípios em que ambas divergem. Os autores exemplificam dizendo que a contabilidade tem como premissa traduzir o real, porém para a pós-modernidade é impossível para uma abstração refletir a completa extensão do real.

3. METODOLOGIA

A partir de uma autonomia estética e com o fim de lançar luz sobre cantos obscuros do código social contemporâneo, realizamos uma varredura bibliográfica de uma literatura interdisciplinar. A partir desta amplitude de perspectiva, buscou-se

alcançar não um mosaico taxonômico, mas uma leitura indireta dos fenômenos observados. Esclarecemos, indireta por alimentar-se de dados científicos, mas por não adotar o Modus Operandi do objetivismo. A saber, a pretensão metafísica de acessibilidade imediata dos fenômenos acompanhada de uma negatividade absoluta frente à acessibilidade das estruturas que ordenam estes fenômenos (SACRINI, 2009).

Uma tal postura tem natureza praticamente incompatível com a da produção sistêmica. Um método indireto nota na produção científica a limitação inerente ao retalhamento de perspectiva, à ordem repressiva da consciência científica que pressupõe a redutibilidade de todo conhecimento à ciência. Exige-se, portanto, uma competência administrativa do intelecto para explorar fronteiras culturalmente demarcadas, rigorosamente patrulhadas pelo policiamento mental da postura objetivista (ADORNO, 2003). Com o fim de resistir à intimidação do espírito classificatório e das pretensões românticas de esgotamento epistemológico, adotaremos o método de ensaio.

Adorno (2003, p. 18) destaca que:

“A tendência geral positivista, que contrapõe rigidamente ao sujeito qualquer objeto possível como sendo um objeto de pesquisa, não vai além da mera separação entre forma e conteúdo: como seria possível afinal, falar do estético de modo não estético, sem qualquer proximidade com o objeto, e não sucumbir à vulgaridade intelectual nem se desviar do próprio assunto? Na prática positivista, o conteúdo, uma vez fixado conforme o modelo da sentença protocolar, deveria ser indiferente à sua forma de exposição, que por sua vez seria convencional e alheia às exigências dos assuntos. Para o instinto do purismo científico, qualquer impulso expressivo presente na exposição ameaça uma subjetividade que supostamente afloraria após a eliminação do sujeito, colocando em risco a própria integridade do objeto, que seria tanto mais sólida quanto menos contasse com o apoio da forma, ainda que esta tenha como norma justamente apresentar o objeto de modo puro e sem adendos. Na alergia contra as formas, consideradas como atributos meramente acidentais, o espírito científico acadêmico aproxima-se do obtuso espírito dogmático. A palavra lançada irresponsavelmente pretende em vão provar sua responsabilidade no assunto, e a reflexão sobre as coisas do espírito torna-se privilégio dos desprovidos de espírito.”

O ensaio como definido por Adorno busca deter uma autonomia interpretativa tal que permita seu autor escapar da redutibilidade acadêmica de produções sintéticas. Em tais produções o aglutinamento bibliográfico e normativo denota a derrocada da capacidade de testemunho histórico do intelectualismo contemporâneo (GAGNEBIN, 2018.) Dado o exposto, adotaremos como método o ensaio acadêmico para o presente trabalho.

4. CONCLUSÃO

Diante das reflexões sobre os aspectos regulatórios que permeiam o intangível e a revolução do valor justo, é evidente que existe uma interconexão complexa entre a contabilidade, a educação, a regulamentação e a dinâmica evolutiva do mundo contemporâneo. Nossa exposição ressaltou a necessidade de progresso tanto no âmbito educacional quanto regulatório, reconhecendo que a contabilidade é uma disciplina em constante evolução e que a adaptação a novos paradigmas é crucial. Vimos durante nossa exposição acerca dos aspectos regulatórios que circundam o intangível e a revolução do valor justo uma conexão subjetiva. Mesmo com contínuas contribuições acessórias dos múltiplos órgãos de legislação contábil mundial, ambos os temas ainda tem muito progresso necessário a ser feito; tanto no campo da educação da infantaria contábil com a adequação dos currículos superiores e técnicos aos novos paradigmas que a contabilidade enfrenta, quanto nas demandas regulatórias necessárias para assegurar uma maior objetividade na mensuração de patrimônio. Neste ensaio, nossa intenção foi destacar o forte papel da academia na produção de inovações ou até mesmo, recuos teóricos, na medida em que o mundo contemporâneo avança furiosamente e irrefletidamente.

Ao abordar a revolução do valor justo, reconhecemos as críticas feitas à sua implementação, destacando a possibilidade de uma crise científica na contabilidade. Contudo, ao olhar mais profundamente, percebemos que essa crise pode ser interpretada como uma resposta do meio contábil à tentativa de manter-se fiel a seus princípios em meio a um mundo hiper-real que enfrenta sua própria crise simbólica. A contabilidade, portanto, não apenas reflete a realidade econômica, mas também desempenha um papel na construção e interpretação dessa realidade.

Em última análise, este ensaio busca salientar a importância da adaptação, da inovação e do diálogo contínuo entre academia, reguladores e profissionais da contabilidade; sempre respeitando a autonomia acadêmica e o distanciamento que pressupõe a produção científica; Somente através de uma abordagem colaborativa e progressiva podemos enfrentar os desafios presentes e futuros, assegurando que a contabilidade permaneça relevante, confiável e capaz de fornecer informações significativas em um ambiente em constante transformação.

Referências Bibliográficas

ADORNO, THEODOR W. **O Ensaio como Forma, Notas Sobre Literatura I.**

Editora 34, 1ª edição, 2003.

_____. **Dialética Negativa.** Zahar, 1ª edição 2009. Obra original 1966.

BAUDRILLARD, J. 1981. **Simulacro e Simulação.** Trad. de Maria João da Costa Pereira, Éditions Galilée, 1981.

_____. 2008. **A sociedade de consumo.** Portugal: Edições 70.

_____. 1996. **A troca simbólica e a morte.** São Paulo, Ed. Loyola.

Bastos, D. D., Abreu, I. L. **Revista Gest@o.Org**, V. 18, Edição 1, 2020, p. 32-44

BIONDI, Yuri. **The Pure Logic of Accounting: A Critique of the Fair Value Revolution.** *Accounting, Economics and Law: A convivium*, De Gruyter, 2011, Vol. 1 (Iss. 1), pp.2-46. hal-00561894

BOSTWICK, Erick D. **An Analysis of the Fair Value Controversy.** Journal of Finance and Accountancy- University of West Florida, 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin, Os Cacos da História.** N-1 Edições, 2019.

FAHNESTOCK e BOSTWICK. **An Analysis of the Fair Value Controversy.** Journal of Finance and Accountancy, University of West Florida. 2011

KELLNER, D. 1989. **Jean Baudrillard: from Marxism to Postmodernism and Beyond.** California: Stanford University Press.

KOORNHOF & VILLERS. **Postmodernism and Accounting: Mirror or Myth?** University of Pretoria, 1999.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** Perspectiva, 1962.

MAGNAN, M. and D. THORTON. **FVA: Smoke & Mirrors?** CA Magazine, 2010

JOHNSON, M. Jamie. **Beyond a politics of recrimination: Scandal, ethics and the rehabilitation of violence.** PubMed Central, 2017.

SACRINI, Marcus. **Fenomenologia e Ontologia em Merleau Ponty.** Campinas, SP. Papirus, 2009.

WASSERMAN, Brooks. **Valuation of Intangible Assets: Should Brand Equity Be Accounted for on the Balance Sheet?** Honor Scholar These- University of Connecticut, 2015

UOL- **Por que atitudes como a de CR7 com a Coca mexem com ações de empresas**<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimasnoticias/2021/06/16/porque-atitudes-como-a-de-cr7-com-a-coca-mexem-com-acoes-de->